



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

WALTER FREDERICO DE SOUZA II

(depoimento)

2005

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-115

Entrevistado: Walter Frederico de Souza

Nascimento: Não informado

Local da entrevista: ESEF/UFRGS

Entrevistadores: Leon Kaminski

Data da entrevista: 01/06/2005

Transcrição: Vicente Cabrera Calheiros

Conferência Fidelidade: Vicente Cabrera Calheiros

Copidesque: Marco de Carvalho

Pesquisa: Ana Maurmann

Fitas: (01 fita) 115/01-A e 115/01-B

Total de gravação: 40 minutos

Páginas Digitadas: 13

Catalogação: Vera Maria Sperangio Rangel

Número de registro: 01911/2007/01

Número de registro da fita: 01911/2007/01

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

SOUZA, Walter Frederico de. *Walter de Souza II (depoimento, 2005)*.
Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE -
ESEF/UFRGS, 2007.

Sumário

Participação no Diretório Acadêmico da ESEF; perseguição feita pelo diretor da Escola; apoio dos professores, funcionários; perseguição do DOPS; movimento estudantil; participação no congresso da UNE; eleição para chapa da UEE; nomes importantes de liderança estudantil.

Porto Alegre, 01 de junho de 2005. Entrevista com Walter Frederico de Souza, a cargo do entrevistador Leon Kaminski, para o projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

L.K. – Professor, como iniciou o teu envolvimento com o Diretório Acadêmico?

W.S. – Ao término do vestibular e ingresso na ESEF¹, o motivo principal foi que a recém tinha casado e o alunos, os colegas acharam que, por estar casado, seria um aluno mais sério e me convidaram para participar da chapa como vice-presidente. E o presidente era, se eu posso me recordar do sobrenome, era Wenis², era um policial. Passado ao redor de dois meses, aconteceram uma série de problemas com o presidente e o centro acadêmico achou por bem demiti-lo. O demitiu e, obviamente, ao natural, eu assumi a presidência. Fiquei como presidente no ano de 1958, todo ano. Fui reeleito novamente em 1959 até o fim do ano, quase o fim do ano, porque, por atividades políticas no meio universitário, me obrigaram a faltar algumas aulas. Não tive em duas matérias, não tive frequência que pudesse me habilitar para prestar exame no fim do ano. E houve uma coincidência de ter problemas familiares e que fui obrigado a me transferir para São Paulo³ e abandonei a faculdade, a ESEF.

L.K. – Te lembra, tu chegou a comentar de como era a atuação do Diretório Acadêmico antes da tua gestão?

W.S. – Pelo conhecimento que se tinha, o Diretório Acadêmico sempre tinha um trabalho, que normalmente, muitas vezes, conforme a direção, era pouco abafados, porém nunca pararam de se portarem como defensores dos alunos em primeiríssimo lugar. Quem pode também citar alguns fatos mais importantes em relação a minha gestão, que antecedeu a minha gestão, é o querido companheiro Washington Gutierrez que, quando eu entrei na ESEF, o Washington já estava um ano na minha frente. E inclusive o Washington tinha sido eleito também na oportunidade o presidente do conselho fiscal. E tanto a minha pessoa como o Washington, nós tivemos um trabalho maior até então, dentro do Centro Acadêmico porque ocorreram fatos que até então não haviam ocorrido, como por exemplo,

¹ Escola de Educação Física - UFRGS

² Nome sujeito a confirmação

o fato maior que nos levou a solicitar ao governo que demitisse o diretor da oportunidade. Porque os alunos estavam com aquela sede de uma maior evolução técnica e a ESEF já vinha inclusive, em relação ao ensino até por reclamações de alguns, de muitos professores se viam tolidos para tentarem outras técnicas, outras oportunidades de melhorarem o ensino técnico porque o diretor Frederico Guilherme Gaelzer só atava o trabalho de muitos professores. Ao certo tempo que não havia uma evolução técnica por causa desse trabalho de abafar do citado diretor, além de outras coisas como, por exemplo, que não obedecia rigidamente o que determinava alguns aspectos da lei com relação ao ensino, com relação a determinações do ministério da cultura. E por essa razão os alunos topam realizar reuniões em conjunto com a União Estadual dos Estudantes, isto é, todo mundo universitário da oportunidade nos acolheu, nos apoiou, a própria UNE⁴ na oportunidade, mandou dois elementos, dois advogados da própria UNE, para dar assistência e cobertura ao nosso trabalho porque o professor Frederico Guilherme Gaelzer começou a tomar umas atitudes meio anti-éticas aos alunos, perseguições. Além disso, ele tinha problemas também com funcionários, alguns professores pela sua formar bastante ditatorial. Fomos bastante felizes quando pressionamos o governo, que na época o governador era o Ildo Meneghetti e, numa madrugada, depois que saíram as reportagens que nos damos, que na oportunidade os alunos, os estudantes tinham bastante força política. Nós demos um ultimato ao governo, nada mais nada menos que 24 horas ao governo demitir esse diretor, fomos acolhidos felizmente. De madrugada o governador nos chamou no palácio e pediu que apresentássemos uma lista tríplice para ser escolhido pelo governador o diretor porque o antigo já seria demitido. Assim aconteceu, às nove horas da manhã chegou uma pessoa do palácio do governo com uma carta de demissão do diretor e já mandando dar posse imediata a um dos professores que indicamos na lista tríplice, foi o doutor Ruy Gaspar Martins⁵.

L.K. – Como, que tipo de perseguições foi realizada pelo diretor?

W.S. – Haviam queixas generalizadas, porém a meia boca, como se diz, pelos funcionários. Tinham eternos problemas com alguns funcionários, não por eles serem relapsos, mas pela forma ditatorial como o diretor Frederico Guilherme Gaelzer costumava

³ Estado Brasileiro

⁴ União Nacional dos Estudantes, fundada em 1937.

agir. E quero abrir um adendo que quando fizemos essa campanha para a demissão do diretor nos tínhamos ao nosso favor todos os funcionários da secretaria, nós tínhamos nada mais nada menos que 95%, vamos deixar por 95%, 95% dos professores, tínhamos apoio de 95% dos professores da ESEF. Havia duas ou três, no máximo três exceções, só isso acho que já dá uma razão bastante forte para que a nossa ação na oportunidade era correta, já que não se tratava de pequeníssimas seqüelas sem importância. Sintetizando, não permitia de diversas formas uma evolução mais técnica do ensino, não permitia que a lei determinava que o presidente ou o representante, no caso o presidente do Diretório Acadêmico participasse das reuniões que na época eram chamadas de Conselho Técnico Administrativo, o CTA. Não permitia que o aluno, o representante dos alunos participasse dessas reuniões e tem outros quesitos que já me fogem um pouquinho da memória que foram tratados com muita seriedade da nossa parte e dos alunos evidentemente. Porque o centro acadêmico sempre pautou por atitudes corretas, éticas, partindo do princípio de que pegando primeiro, acolhemos o apoio dos universitários do Rio Grande do Sul e numa assembléia conseguimos o apoio [palavra inaudível]. Logo após, o segundo passo procuramos o secretário da educação na oportunidade, porque a ESEF pertencia ao Estado naquela oportunidade. Hoje que é federal. O secretário de educação concordou com uma série de atribuições, porém sentimos que a solução estava demorando. Tivemos o apoio público através de jornais e o governador do Estado tomando conhecimento do fato, só não posso afirmar se as fontes foram o secretário de educação ou se foram as reportagens que seguidamente saíram, principalmente na Folha da Tarde⁶, que resolveu tomar essa atitude drástica e a nosso favor. Sendo que a primeira atitude logo após demitir o professor Gaelzer foi se dirigir ao DOPS⁷ e me fichar como líder estudantil comunista. Nunca fui comunista na minha vida, inclusive fui um dos vice presidentes na oportunidade, a UEE, União Estadual dos Estudantes e eu era o único pertencente a uma escola pública, porque a chapa era só das faculdades católicas. E de mais a mais, uma coisa também que influenciou é que eu estudei toda minha vida, primário, ginásio e científico na oportunidade no colégio

⁵ Primeiro professor de Cinesiologia da Escola.

⁶ Jornal da época, pertencente ao grupo Caldas Júnior

⁷ Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) foi o órgão do governo brasileiro criado durante o Estado Novo, cujo objetivo era controlar e reprimir movimentos políticos e sociais contrários ao regime no poder.

Rosário⁸ e, portanto, nenhuma ligação comunista. Depois, mais tarde, com o passar do tempo, quando aconteceu essa pseudo-revolução dos militares, sofri algumas perseguições.

L.K. – Não conseguiste fazer o curso de direito?

W.S. – Quando retornei. Por questões familiares tivemos que nos mudar para São Paulo, onde vivemos quase dez anos e, no meu retorno, fiz um vestibular na faculdade em Canoas⁹, na época em Canoas, agora está em Porto Alegre¹⁰, a...

L.K. – Ritter¹¹?

W.S. – Ritter dos Reis. A cabeça está medonha. Na faculdade Ritter dos Reis, eu ia fazendo os exames do vestibular e, enquanto a pessoa tivesse passando, fazia o exame no dia seguinte de outra matéria e assim consecutivamente. Qual foi a minha surpresa? Que no dia que terminou o vestibular e eu ia me matricular, disseram que eu tinha faltado um exame e que portanto não tinha sido aprovado. Coincidentemente estava perto dois senhores sendo que um deles era um amigo, jornalista do Correio do Povo¹². Mediante a minha afirmação de que eu não tinha faltado exame nenhum, eles pressionaram a direção da Ritter dos Reis e o secretário nos confessou que, naquela época, quando um aluno passava no vestibular, a listagem ia imediatamente para o DOPS e o DOPS fazia um exame desta listagem e simplesmente àqueles que eles riscavam não podiam aceitar como alunos. E utilizaram o argumento que eu tinha faltado e casualmente uma prova que eu não levei vinte minutos para completar e uma prova que depois se soube que eu tirei 9,5. Era uma prova de inglês e espanhol e eu escolhi a prova de espanhol. E o espanhol eu tinha estudado em Montevideú¹³, no Uruguai, Educação Física e, quando eu voltei para o Brasil, cheguei até a levar quase um ano para voltar a falar o português correto. Como é que eu poderia rodar em espanhol. E esse amigo que estava, esse amigo jornalista, quando afirmou isso pra ele, que eu fiz a prova, eles deram até as 4hs da tarde para a Ritter dos Reis

⁸ Colégio Marista Rosário, fundado em 1904 pelos irmãos Louis-Bernard e Ambroise-Michel.

⁹ Cidade da região metropolitana de Porto Alegre

¹⁰ Capital do Estado do Rio Grande do Sul

¹¹ Centro Universitário Ritter dos Reis/UniRitter, fundado em 1971 pelo educador Romeu Ritter dos Reis

¹² Jornal de Porto Alegre, fundado em 1º de outubro de 1985, por Caldas Júnior

¹³ Capital do Uruguai

encontrarem essa prova, porque, se não encontrassem essa prova, sairia em editorial no Correio do Povo no dia seguinte esse assunto. Às 2 horas da tarde, vieram me buscar na minha casa, encontraram a prova, tinha tirado 9,5, tinha passado, me matriculei. No primeiro dia de aula quando começaram as aulas vieram me buscar na sala de aula para ir a sala do diretor, senhor [palavra inaudível]. Estavam presentes um delegado da polícia federal e um inspetor, dizendo que eu tinha que sair da faculdade, porque o problema na época dos militares não eram os que assaltavam os bancos, não eram os que dinamitavam pontes, qualquer coisa assim, eram as lideranças estudantis e sindicais que eram mais perseguidos. Depois de uma série de contratempos na sala do diretor, eu afirmei que queria o meu advogado e que não iria abandonar a faculdade [palavra inaudível]. Eu tomei umas atitudes meio fortes e eles acabaram acatando da seguinte forma: que eu me compromettesse e me fizeram assinar um documento na hora de que não participaria de nenhuma atividade política, nenhuma atividade do centro acadêmico e que não me filiasse ao centro acadêmico na oportunidade. Eu queria estudar, obviamente assinei. Passado uma semana mais ou menos de aula, vieram me chamar na sala do diretor novamente, estavam lá o mesmo delegado e o mesmo inspetor de polícia federal. Simplesmente disseram que eu não teria chance nenhuma e que eu já ia sair dali direto para o DOPS se eu não me demitisse na hora. Ameacei com advogado qualquer coisa de novo e não adiantava nada. Advogado com a polícia federal na época da ditadura era brincadeira. Fui obrigado então a me demitir da faculdade e não pude... Meu negócio era só estudar, só queria me formar em direito. Não deu, nunca mais tentei novamente. Depois passado um certo tempo poderia tentar, mas agora não tenho mais idade para tentar.

L.K. – Lembra em que ano foi isso?

W.S. – Foi em 1973, me parece.

L.K. – Voltando um pouco agora, em questão do movimento de 1958 para derrubar o diretor, vocês chegaram a entrar em greve?

W.S. – Na greve propriamente não chegamos a entrar, somente ficou na... Fizemos... Nós vivíamos em eternas assembléias. Não chegamos a entrar, ameaçamos, mas não chegamos a entrar em greve, somente se ameaçou e como eu disse anteriormente, resolvemos seguir

os canais competentes, através do secretário de educação, governador para ver no que iria dar. Se não desse em nada então a gente... Obviamente se o diretor não fosse demitido por darmos aquele ultimato, se não fosse demitido obviamente, seguramente teríamos entrado em greve.

L.K. – Nas assembleias tinham uma grande participação dos alunos?

W.S. – Total, somente não comparecia aluno que naquele dia estivesse doente e não teria ido à aula, no contrário, total. E te diria outra coisa, as nossas assembleias, talvez o Washington se recorde, eu era sócio da ACM¹⁴ desde os onze anos de idade e era amigo da casa e já lecionava também. Já lecionava antes de me formar, educação física na ACM e o diretor não permitia que se ocupasse as salas de aula para fazer as assembleias ou o salão nobre, não permitiu. Nós tivemos que nos reunir, eu tive que pegar uma licença especial a parte como sócio da ACM com o senhor Ernesto Oblinger¹⁵, secretário geral na oportunidade da ACM e nos cedeu algumas... Na parte lateral do ACM que não fazia parte do aluguel da ESEF, coisa que não tinha nada que ver com a ESEF. Era ali que nos realizávamos nossas assembleias.

L.K. – Bom, depois tu organizou um congresso de estudantes em 1959, não é?

W.S. – Em 1959, infelizmente, não sei se ficou alguma documentação, na minha posse não. A [trecho inaudível] congresso da UNE. Eu fiz uma série de contatos, fizemos uma série de contatos e realizei o primeiro congresso de estudantes de educação física nacional, *o primeiro*. Não tínhamos local para isso, consegui com a direção do Instituto de Educação o local para realizar esse congresso e os alunos, os convidados pagaram suas passagens e nós, alguns alunos ficaram com alguns membros de outros centros acadêmicos de educação física do Brasil. Levaram para sua casa, eu levei para a minha casa, por exemplo, dois presidentes de centros acadêmicos [riso] e cedi a cama de casal para eles. E consegui com a UFRGS¹⁶ que eles se alimentassem no restaurante universitário e as nossas reuniões nós realizávamos no salão do Instituto de Educação, ali na Redenção¹⁷.

¹⁴ Associação Cristã de Moços, fundada em Porto Alegre, no dia 26 de novembro de 1901.

¹⁵ Nome sujeito a confirmação.

¹⁶ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

¹⁷ Parque Farroupilha.

E a abertura do congresso, nós realizamos - na época estava aberto ainda - num salão que faziam bailes antigamente, no salão da confeitaria Rocco, a entrada pela Riachuelo¹⁸, na confeitaria Rocco que fica na esquina da Dr. Flores¹⁹ com a Riachuelo com a Praça Conte Porto Alegre. Nós fizemos um congresso em que convidamos diversas autoridades e veio, o governador foi substituído por um deputado, teve presente o prefeito, teve presente várias autoridades e conseguimos praticamente lotar. Era um salão muito grande e praticamente lotamos na noite de inauguração do congresso. E depois não soube mais nada, nunca mais se soube coisa alguma e inclusive alguns colegas se comprometeram em realizar o segundo congresso, por exemplo, ou no Rio²⁰ ou em São Paulo. Nunca mais se teve notícias.

L.K. – E o que era discutido no congresso?

W.S. – No congresso basicamente, o mais importante que, era nossa preocupação naquela oportunidade, uma devoção técnica do ensino. As nossas matérias, o nosso ensino já se arrastava, a anos a mesma coisa, e a educação física evoluindo e isso...

L.K. – E o pessoal dos outros estados?

W.S. – A mesma queixa sendo que a maior parte, já estava conseguindo alguma coisa menos nós, principalmente nós aqui de Porto Alegre. Então o nosso interesse não tinha interesse político nenhum, nosso interesse era somente da parte estudantil, da parte da nossa evolução técnica que não havia jeito de ir pra frente. As faculdades todas evoluindo e a ESEF, todas ESEF'S paradas no tempo. Eu tive muita quando estudei educação física em Montevideu [toca a campainha] muita matéria. Eu dei para alguns professores que já haviam traduzidos para o espanhol. Quer dizer, muita matéria, principalmente para o professor Black²¹, o Major Moreira²² que é da educação física, o professor Echart²³ do basquete. O professor Echart era a maior autoridade do basquete no Rio Grande do Sul na oportunidade e, no entanto, eu cedi de matérias dos Estados Unidos que nós recebíamos em

¹⁸ Rua do Centro de Porto Alegre

¹⁹ Idem

²⁰ Rio de Janeiro, cidade Brasileira

²¹ Karl Black

²² João Gomes Moreira Filho

²³ Waldir Calvet Echart

Montevidéo, que iam desde a evolução do ensino do basquete a técnicas, exercícios coisas assim, muito mais evoluídas que estávamos acostumados. Quer dizer, para ver o atraso que a educação física sempre... Naquela época patinava.

L.K. – Qual eram as diferenças...

W.S. – Na educação física?

L.K. – Na educação física lá onde tu estudaste?

W.S. – As diferenças... Não que o Uruguai tenha novidades próprias, porque toda matéria vinha da Alemanha, Suécia, França, Inglaterra e Estados Unidos. Quer dizer, são os pólos mais adiantados, somente não tinha Rússia [riso], mas são os pólos mais adiantados que a educação física sempre teve do mundo, principalmente Alemanha, Suécia e Estados Unidos.

L.K. – E na ESEF aqui.

W.S. – Não, a ESEF se perdeu pelo tempo, era somente o feijão com arroz.

[FINAL DA FITA 115/01-A]

W.S. – Nós estudávamos naquela oportunidade, o tipo de ensino, as matérias que quase todos professores davam, obviamente tinham aquelas exceções, aqueles professores mais interessados, sempre tentando evoluir, mas somente podiam evoluir até ali. Era as mesmas matérias. Os mesmos ensinamentos em 1958, vamos dizer, era a mesma coisa que era em 1945, 1944...

L.K. – Época da fundação.

W.S. – Coisas da época da fundação, era incrível. Sempre que ela estava um pouquinho mais adiantada, não o suficiente, se deve muito também a brigada militar que através, que muitos professores eram, na época, oriundos da brigada militar, quer dizer, da parte da

educação física da brigada militar, muita coisa foi transportada para a Escola Superior de Educação Física.

L.K. – Voltando ali, te lembra qual época ou quando foi feito o congresso, se foi em 1959 no início ou final? Começo?

W.S. – O congresso foi, me parece, que foi nas férias de julho, não tenho bem certeza. Parece que foi em junho ou julho, julho, parece, de 1959.

L.K. – Poderíamos falar um pouco sobre a UEE²⁴ [toca o despertador]. Como que era a tua atuação dentro, espaço de poder?

W.S. – A UEE teve presidentes que hoje são destaques na política nacional e alguns já falecidos, por exemplo, um ano antes de eu ser eleito para uma das vice-presidências da UEE, o presidente do ano anterior não foi nada mais nada menos que Pedro Simon²⁵, que era do direito da PUC²⁶. Então, a UEE tinha uma atividade normalmente política em defesa sempre, uma defesa saudável e muito enérgica. Sempre teve a defesa do estudante, não somente no aspecto de proteção ao estudante normalmente, mas proteção e perseguindo uma meta sempre de evolução técnica de qualquer curso, de qualquer ordem de faculdade, de qualquer faculdade. E a UEE nunca, pelo menos que me recorde, deixou os alunos, os centros acadêmicos sem a resposta positiva, sem uma atitude no mínimo política. Além de atitudes política, tomavam atitudes muitas vezes práticas, mas iam às últimas conseqüências para conseguir resultados positivos. A UEE sempre foi um órgão batalhador, nada consta e duvido que até hoje, tenho as minhas dúvidas, que até hoje alguma diretoria tenha deixado a agir. Porque para chegar a uma vice-presidência, presidência da UEE normalmente são indicados candidatos já comprovadamente batalhadores no exercício da sua vida político estudantil, sempre. É difícil uma pessoa desconhecida no meio político elegerem presidente de uma União Estadual de Estudantes.

L.K. – Participaste de quantos congressos da UNE?

²⁴ União Estadual dos Estudantes.

²⁵ Político gaúcho.

W.S. – Participei de dois congressos da UNE. Participei do congresso de Belo Horizonte²⁷, e antes tinha participado do congresso de Bauru²⁸.

L.K. – Tu tinha me contado uma história sobre uma encomenda que tu tinhas levado...

W.S. – Ah [riso], no segundo congresso da... Perdão, eu participei de três congressos. Participei de três congressos, um congresso em Bauru, um congresso no Rio de Janeiro no Estado do Rio...

L.K. – Em Niterói²⁹?

W.S. – Não, me esqueci o nome. Era uma faculdade perto de Niterói, não sei se era uma faculdade assim, agrícola.

L.K. – Rural do Rio?

W.S. – Rural coisa assim...

L.K. – [palavra inaudível]

W.S. – Não, não posso lembrar-me do nome. Porque, inclusive lá era uma faculdade que tinha dormitório, tinha [riso] tudo. E os estudantes não se perdiam muito em estar visitando a cidade, por isso fizeram lá. Bauru, lá no estado do Rio e em Minas Gerais. Em Minas Gerais, eu saí uma semana antes do congresso. Uma semana antes do congresso a UEE me enviou para Belo Horizonte porque, em política, as coisas normalmente tem que acontecer na hora, antes da hora, da margem aos inimigos políticos dar um jeito de queimar candidaturas. Isso é no meio estudantil, no meio político nacional, estadual, municipal, nacional é sempre assim. Temos provas disto todos os dias. Porque os estudantes da oportunidade do Rio Grande do Sul, junto com Santa Catarina, Paraná e Pernambuco³⁰, já

²⁶ Pontifícia Universidade Católica.

²⁷ Cidade do Estado de Minas Gerais

²⁸ Cidade do Estado de São Paulo

²⁹ Cidade do Estado do Rio de Janeiro

³⁰ Estados Brasileiros

estavam formando uma chapa em que eu seria o candidato a ocupar uma das... A quinta vice-presidência da UNE. E a quinta vice-presidência da UNE era uma vice-presidência relativa somente, vice-presidência internacional e este estudante fica seguidamente viajando para o exterior representando a UNE, a entidade brasileira. Então fui uma semana antes e fiquei fechado num hotel, mas quando embarquei me entregaram um pacote com mais ou menos uns 30 cm, devia ter uns 30 cm por 15. 30 cm de comprimento e 15 cm largura num papel pardo lacrado. Não lacrado, fechado como se estivesse lacrado. Não me disseram nada, me pediram, foram os estudante, uns dos estudantes que eu nem os conhecia. Que eu seria procurado no hotel por uma pessoa e essa pessoa ia se identificar para mim e que eu entregasse o pacote e que eu fizesse o favor de não abrir o pacote que era particular e assim eu fiz. Chegando no hotel e lá me aconselharam também a não sair do hotel porque eu estava sendo preparado para participar da chapa dessa, como eu disse, da chapa UNE, naquela oportunidade. E eu entreguei e eles abriram na hora, a pessoa que recebeu estava acompanhando [toca um bipe], abriu o pacote e tinha duzentos mil dólares e esses duzentos mil dólares para o congresso. Só que depois nós perdemos a eleição por sessenta votos, incrível, os sessenta votos que nós perdemos. Nós éramos uma chapa católica, uma chapa cristã, vamos dizer assim, perdemos por sessenta votos por, padres e estudantes da Jug³¹, de Belo Horizonte, católicos. Porque eles foram comprados, porque receberam passagens de avião de ida e volta com estadia de quinze dias a Cuba.

L.K. – E a chapa que ganhou era de que corrente?

W.S. – De esquerda. Perdemos por, não foi exatamente, sessenta, perdemos por, ao redor, de setenta votos, mas tirando esses votos, sessenta que normalmente seriam a favor da nossa chapa e deu a diferença para perdemos. Depois o DOPS mais tarde tentou saber de mim para que era esse dinheiro, eu disse: “não sei quem mandou” e o dinheiro quanto era, eles falaram, eles me disseram que era cinquenta mil dólares, mas eu vi duzentos mil dólares. Eles não sabiam ao certo. Eles queriam saber porque esse dinheiro veio. Depois fiquei sabendo, o dinheiro veio, fez um trajeto para chegar a Belo Horizonte, fez um trajeto para enganar. Rio de Janeiro, teve Curitiba - Porto Alegre, Porto Alegre-Minas Gerais. E Porto Alegre-Minas Gerais eu fui o último, a última “mula” que carrega peso [riso] e

³¹ Nome sujeito a confirmação

carreguei isso ai e esse dinheiro tinha sido mandado por João Goulart³² para o congresso da UNE. João Goulart apoiava financeiramente e estava cansado de apoiar financeiramente sindicatos e entidades estudantis para, principalmente UNE e ele foi a pessoa mais apoiada pelos sindicatos, não tinha sindicato que não apoiava João Goulart.

L.K. – Isso foi em 1960?

W.S. – Não, esse congresso foi em 1959. Me parece, se não me engano, João Goulart era ministro..

L.K. – Do Juscelino³³?

W.S. – Parece que era ministro [palavra inaudível]...

L.K. – Se não me engano, era ministro do trabalho.

W.S. – Ministro do trabalho exatamente. Ele era ministro do trabalho. Inclusive, nós recebemos um convite no fim do congresso e ônibus a disposição para visitar Brasília, na época em que Brasília não tinha sido inaugurada ainda. Estava em construção e era um horror. Porque era tudo uma terra vermelha que te entrava nariz a dentro e saia tijolo vermelho das narinas. E naquela época o pessoal, inclusive reclamava muito que as coisas eram muito caras. Banho, os hotéis, cobravam dez cruzeiros, se é água quente era um pouco mais cara, cobravam um copo de água, era um horror. Estavam em construção, mas Juscelino quis [riso] mostrar para os estudantes a obra dele.

L.K. – Tem mais algum fato, alguma coisa em relação ao movimento estudantil da época que tu acha importante relatar?

W.S. – Não, não me vem a memória agora alguma coisa mais importante do que... Por exemplo, quando eu fui eleito para vice-presidente, para ser um dos vice-presidentes da UEE, um dos cabos eleitorais que tinha na época, que me parece, tenho quase certeza, não

³² João Belchior Marques Goulart, sucedeu Jânio Quadros na presidência do Brasil, no período de 1961 a 1964.

posso afirmar, mas já agitava, já agia muito na política universitária, um dos cabos eleitorais que parece que ele era presidente da Filosofia, não me lembro, ou da Assistência Social, ou da Filosofia. Muito Católico, o que hoje é candidato a presidente da república, e ele é presidente nacional do partido dele, o Eimael [procura em um jornal] Deixa eu ver se está aqui uma reportagem, ele era presidente do Centro Acadêmico, presidente do partido social, partido democrata cristão, partido social democrata cristão, alguma coisa assim [continua procurando no jornal]. Ele, a política universitária, da política universitária saíram candidatos e outros grandes políticos [lendo a matéria] “Presidente Nacional do Partido Social Democrata Cristão, PSDC, José Maria Eimael”. Na época ele era, agora está em Brasília, ele se formou e foi a Santa Catarina e lá, parece que foi Santa Catarina que ele começou a agitar politicamente e depois, é hoje Deputado Federal e presidente deste partido. Ele é muito católico, enfim, era um grande amigo meu na época que hoje nem deve ser lembrar mais [riso] de mim, porque isso fazem tantos anos, mas fato assim importante a não ser essas coisas como, por exemplo, essas pessoas que já se destacavam na época, um para o lado positivo outros para o lado negativo. Por exemplo, na época também que era um [palavra inaudível] foi presidente do centro acadêmico da Engenharia da UFRGS já também foi candidato a prefeito de Porto Alegre... Esqueci o nome agora, é um engenheiro famosíssimo.

L.K. – Obrigado Walter, novamente.

W.S. – Apaga isso ai para não aparecer o esquecimento, tu vai sair eu vou me lembrar na hora.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

³³ Juscelino Kubitschek de Oliveira.